



marvila

MUNICIPAIS DE LISBOA

R

Dinalivro

1171 - 2013

Marília Abel
Carlos Consiglieri

MARVILA

JUV.641655



Manvile

LX PAR
/ ABE

predominavam fábricas, oficinas, armazéns e outras instalações de serviços. Pátios e núcleos de habitação espontânea pontilhavam este tecido. As colectividades, clubes e tascas são em grande número.

O segundo – das encostas ocupadas ao *plateau* com os seus vales, o Vale Formoso de Cima e de Baixo, onde pontificavam quintas, usufruindo de surpreendentes panoramas e nos quais se edificaram palácios, solares e casais com terras de cultivo, jardins, pomares, olivais e estruturas agrícolas (poços, noras, tanques, aquedutos, etc) e hortas e pequenas explorações de rendeiros. Rede viária tradicional composta de antigas estradas, ligadas entre si por azinhagas e caminhos rurais.

A zona ribeirinha, a primeira, evidencia uma toponímia consolidada e assumida há muito, apesar das alterações que os tempos forçaram por abertura de artérias e por intervenções de alteração em topónimos. Certamente outros topónimos irão surgir por força da reestruturação física que está em curso na zona da antiga fábrica de Braço de Prata, entre outros. Porém, nomes como Fraternidade Operária, Açúcar, Braço de Prata, Bairro da Estação, Poço do Bispo representam eloquentemente a memória plural desta parte da cidade.

A zona que denominámos genericamente por rural, a segunda, trouxe para a freguesia topónimos de sítios, de locais (vales e outros), de azinhagas e de figuras ilustres de proprietários. Alguns perderam-se na memória como nomes de bairros e urbanizações.

Quem desejar visualizar o território poderá fazê-lo, preferencialmente em três tempos distintos:

- em 1835, através da Carta das Linhas de Fortificações de Lisboa onde se reconstitui traçados de vias que estruturaram o território (Estrada de Marvila);
- em 1904, pela Carta Fiscal de Lisboa;
- em 1940, pelo mapa que Vieira da Silva inseriu nos *Dispersos*, onde o observador poderá ver a velha rede viária.

A ocupação urbana dos espaços expectantes iniciou-se, praticamente, com a «montagem» do Bairro do Relógio (felizmente hoje demolido) e com tentativas tímidas de realojamentos na passagem das décadas de 50 para a de 60. Em termos de toponímia optou-se então por identificar estas urbanizações por letras, como a da zona J.

O processo de implantação destes bairros-urbanizações (loteamentos) deu-se a partir dos anos 60, com particular incremento depois de 74. É curioso que estas urbanizações, nas suas diversas fases, pelas dimensões, características, índices de ocupação, técnicas construtivas e tipologias, se tenham transformado em autênticas *ilhas* no território da freguesia, a



2. INTRODUÇÃO

O começo da freguesia

A Freguesia de Marvila foi criada em 1959, pelo Decreto-Lei 42.142, e enquadrada na reestruturação da divisão administrativa da cidade, então legislada.

O território que lhe foi atribuído revelava duas características principais: uma área, de beira-rio, com actividades fabris e terciárias integrada numa malha urbana consolidada desde os fins do século XVIII e, particularmente, no século XIX começos do século XX; outra, de extensas terras direccionadas a sul e expostas ao sol, submetidas aos elementos moderadores do Mar da Palha.

Desde os tempos mais remotos que se identifica a presença humana no actual território de Marvila. Povoado muito antes da romanização, que aqui deixou marcas, e também antes do período visigótico, do qual permanecem pedras lavradas, os topónimos do mundo árabe ou até da época da reconquista subsistem, bem como vestígios do processo histórico posterior.

Os diversos tipos de património existente atestam os séculos de história e as formas de utilização dos recursos naturais. Do património medievo ao barroco, do neoclássico ao industrial, da arquitectura ecléctica à Arte Nova, esta freguesia pode-se orgulhar de possuir marcas importantes que urge preservar.

Quando se definiram, sem consulta prévia nem popular, os limites de Marvila, usaram-se critérios discutíveis, principalmente quando se tratava de concretizar uma remodelação que se desejava profunda e duradoura, como o preâmbulo da lei manifesta.

Os limites foram então estabelecidos de forma a dar a Marvila um extenso território de 6,294 quilómetros quadrados, por arruamentos existentes com outros que estavam em cons-



ÍNDICE

1. Apresentação	9
2. Introdução	11
3. Universo toponímico da freguesia de A a Z...	19
5. Bibliografia	119

trução e com vários que não passariam de projectos por longos anos.

Convirá recordar a toponímia dessa delimitação para compreender a fragilidade dos critérios utilizados.

Os limites da Freguesia foram estabelecidos pelo Dec. Lei n.º 42.142, de 07/02/1959 e são os seguintes:

«Partindo, perpendicularmente, da margem do rio Tejo, na direcção Noroeste, contorna, pelo Nordeste e pelo Poente, as instalações da Companhia Industrial de Portugal e Colónias no Beato, passando pela divisória entre as referidas instalações e as da Sociedade Nacional de Sabões e rodeando, pelo Sul, estas últimas, até atingir a Rua de Marvila; segue para Sudoeste, pelo eixo desta rua, e até ao ponto em que, na altura da Manutenção Militar, a mesma rua se cruza com o eixo da projectada III Circular; inflecte para Noroeste, pelo eixo da III Circular, até à avenida do Aeroporto; tomando a direcção Norte, passa pelas traseiras das casas do lado oriental da referida avenida, até à rotunda do Aeroporto; segue ainda pelo eixo da II Circular; desvia-se para Sueste, ainda pelo eixo da II Circular, e continua no seu prolongamento, até atingir o rio Tejo, prossegue, finalmente, para Sudoeste, pela margem do rio, até ao ponto de partida.»

Entretanto, a toponímia foi alterada e hoje, onde se lê *Avenida do Aeroporto* dever-se-á ler *Avenida Almirante Gago Coutinho*; a *II Circular* passou a *Avenida General Gomes da Costa*; e a *Rotunda do Aeroporto*, mais conhecida pela *Rotunda do Relógio*, é a actual *Praça do Aeroporto*.

Marvila confina com as freguesias de Santa Maria dos Olivais, a Norte; Alto do Pina e Beato, a Sul; rio Tejo, a Leste; e Alvalade e São João de Brito, a Oeste.

Assim, pode-se limitar a freguesia pelas Avenidas Gago Coutinho, General Gomes da Costa, rio Tejo até à Rua de Marvila e, por fim, às instalações fabris que confinam com a freguesia do Beato e Alto do Pina, acompanhando parte da linha do comboio.

As artérias inter-freguesias confinam com as seguintes: Santa Maria dos Olivais, a Norte, Beato, Alto do Pina, Alvalade e S. João de Brito.

O território

O território atribuído a Marvila é um dos mais antigos topónimos da cidade oriental, integrando, porém, dois espaços bem distintos:

O primeiro – marginal, com eixo principal viário que acompanhava o rio terminando no largo, vulgo Poço Bispo, à volta do qual se desenvolvera o agregado habitacional antigo com diversos equipamentos. A zona portuária e o caminho de ferro tornaram-se barreiras quase intransponíveis de acesso e usufruto do rio, com excepção para as actividades inerentes. Com manchas de edificação até às vertentes da encosta onde

© Dinalivro, Carlos Consiglieri e Marília Abel, 2006

Título: *Marvila*

Autores: Carlos Consiglieri e Marília Abel

Revisão: Suzana Ramos

Paginação e capa: Mário Félix - Artes Gráficas

ISBN 972-576-392-0

Depósito legal: 239537/06

1.^a edição: Março de 2006

Impressão e acabamento: Fergráfica, S. A.

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa por
DINALIVRO

Rua João Ortigão Ramos, n.º 17-A

1500-362 LISBOA PORTUGAL

Tel. 217 122 210 - Fax 217 153 774

E-mail: info@dinalivro.pt

Colecção: LISBOA EM TOPONÍMIA, N.º 1